RESUMO
Este artigo baseia-se em autores como Bruno Bettelheim, Diana e Mário Corso e Nelly Novaes Coelho, que abordam o imaginário através dos contos de fadas. O objetivo deste artigo é discutir a contribuição e a influência dos contos de fadas para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança. Acredita-se que os contos de fadas possibilitam à criança vivenciar ensaios de diversos papéis sociais, proporcionando a construção de uma personalidade, além de promover a socialização, a troca de experiências e uma maior inserção no grupo social. Dessa perspectiva, os contos de fadas buscam promover o desenvolvimento da imaginação, da criação e da percepção do mundo através das possíveis interpretações. Para que o aprendizado ocorra, é necessário que os contos tenham algum valor significativo para as crianças, fazendo com que elas reconheçam suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerindo soluções para seus problemas internos. Uma história, quando contada, tem o poder de encantar aquele que a ouve. É de suma importância despertar nas crianças a fantasia e a imaginação, levando-as ao mundo mágico de encantamento e magia

PALAVRAS-CHAVE: Contos de Fada; Desenvolvimento; Literatura Infantil; Criança

ABSTRACT
This article is based on authors such as Bruno Bettelheim, Diana and Mário Corso and Nelly Novaes Coelho, who approach the imaginary through fairy tales. The objective of this article is to discuss the contribution and influence of fairy tales on the cognitive and emotional development of children. It is believed that fairy tales allow children to experience trials of various social roles, providing the construction of a personality, in addition to promoting socialization, the exchange of experiences and greater integration into the social group. From this perspective, fairy tales seek to promote the development of imagination, creativity and perception of the world through possible interpretations. For learning to occur, it is necessary that the tales have some significant value for children, making them recognize their difficulties and, at the same time, suggesting solutions to their internal problems. A story, when told, has the power to enchant those who hear it. It is of utmost importance to awaken fantasy and imagination in children, taking them to the magical world of enchantment and magic.

KEY-WORDS: Fairy Tales; Development; Children's Literature; Child

INTRODUÇÃO

Segundo Coelho (2002) a literatura infantil é a arte, um fenômeno de criatividade, representando o mundo, o homem e a vida através de palavras. A literatura representa para crianças e adultos, o mágico, a fantasia, sendo a comunicação real para o mundo imaginário.
Diante desta arte, temos os contos de fadas, considerados literaturas antigas, que cumprem a função de expor a criança a situações que provocam desejos, curiosidades e medos, possibilitando que as crianças participem de problemas vinculados à realidade, como conflitos entre mães e filhos, carência afetiva, entre outros. Seu desenvolvimento em busca de soluções ocorre ao desfecho de uma narrativa.
Para que o aprendizado ocorra, é necessário que os contos tenham algum valor significativo para as crianças, fazendo com que elas reconheçam suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerindo soluções para seus problemas internos. Uma história, quando contada, tem o poder de encantar aquele que a ouve. De acordo com Bruno Bettelheim (2007):

> Para atingir integralmente suas propensões consoladoras, seus significados simbólicos e, acima de tudo seus significados interpessoais, o conto de fadas deveria ser contado em vez de lido. (Bettelheim, 2007, p.27).

Se a história for lida, deve ser lida com um envolvimento emocional tanto na trama quanto na criança, com empatia pelo que a narrativa pode significar para ela. Contar é preferível a ler, pois permite uma maior flexibilidade.

Sabe-se como é crucial despertar nas crianças a fantasia e a imaginação, levando-as ao mundo mágico de encantamento e magia. As histórias podem ser grandes aliadas dos educadores, pois o ato de contar histórias pode divertir, estimular o imaginário e, quando bem contadas, proporcionar à criança uma atividade saudável, enriquecendo seu vocabulário e contribuindo para o desenvolvimento da imaginação e adaptação no contexto social.
Além de estimular a imaginação e contribuir para o enriquecimento do vocabulário, a criança, através do conto, pode desenvolver e alcançar diversos objetivos, como a ampliação da linguagem infantil, facilitando a expressão corporal; o estímulo à inteligência; a socialização; a formação de hábitos e atitudes sociais e morais, por meio da imitação de bons exemplos e situações decorrentes das histórias; e o cultivo da memória e da atenção, despertando interesse e gosto pela leitura.
Para prender a atenção, o conto deve despertar curiosidade e ser significativo para a criança, proporcionando assim o desenvolvimento de seu intelecto, a organização de suas emoções e ansiedades, e contribuindo para o reconhecimento de suas dificuldades, ao mesmo tempo sugerindo soluções para seus problemas internos.
Segundo Zilberman (2003), o narrador consiste uma figura-chave ao exercer atividades desencadeadoras da narrativa, pois ao proporcionar situações imaginárias favorecendo a fantasia, ele está criando um cenário no qual o herói resolve dilemas pessoais ou sociais.
Além de o narrador desencadear a ativação do imaginário das crianças, ele precisa dar coerência na história e nos conflitos que apresentam o conto. É de grande importância para a criança dar sentido coerente aos seus sentimentos, e para isso, ela precisa de ajuda e orientação sobre como organizar suas emoções. Sua educação deve partir de conceitos significativos, que ela encontra ao ouvir ou ter contato com contos de fadas. Com os contos de fadas, a criança começa a se encontrar no seu ser psicológico e emocional. Trata-se do enriquecimento da vida interior da criança, em que os problemas internos podem ser compreendidos, ajudando-a a criar conceitos e a entender os processos vivenciados em experiências reais. Podemos caracterizar os contos de fadas como a coexistência do mal e da virtude caminhando juntos.
Bettelheim (2007), acredita que, através dos contos de fadas a criança alicerça seu sofrimento com conhecimentos, pois quanto mais alternativas ficcionais forem oferecidas para as crianças mais elas conseguiram elaborar e organizar seus dramas.
Desta forma para melhor definição de uma boa história favorecendo a fantasia e o desenvolvimento, Corso (2006) afirma que: Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, seja a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados. Além disso, com essas ferramentas, podemos também criar, construir e transformar objetos e lugares. Com esta analogia, podemos concluir o quanto a flexibilidade em narrativas pode se adequar a diferentes situações.

ORIGEM DOS CONTOS DE FADA

Os contos de fadas, deste muito tempo, são considerados uma literatura atraente para crianças e também para adultos. Coelho (2003), afirma que os contos de fadas são de origem Celta e que inicialmente apareceram como poemas. A primeira coletânea de contos infantis foi publicada do século XVII, na França, durante o faustoso reinado de Luís XIV, e nasceram para falar aos adultos. Os estudos da literatura folclórica e popular de cada nação iniciaram-se a partir do século XIX, ficando em destaque Charles Perrault, com seu livro Contos da mãe Gansa (1697). Os contos incluídos neste livro são: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar.
De início não estavam preocupados com as crianças, no século XVIII, as fadas passaram a um segundo plano no interesse dos adultos e se recolheram ao mundo infantil. Mais tarde, no século XIX, surge à preocupação linguística, foi assim que surgiram os irmãos Jacob e Wilheelm Grimm, passando a estudar os

contextos. Os irmãos publicaram os Contos de fadas para crianças e adultos (1812-1822). Destacam-se os contos que foram traduzidos para o português: A Bela Adormecida, Os Músicos de Bremen, Os Sete Anões e a Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira, O Corvo, As Aventuras do Irmão Folgazão, A Dama e o Leão.
Podemos destacar como representantes da literatura infantil desse século XIX, o Hans Christian Andersen, poeta e novelista dinamarquês, a Condessa de Segur (1856), Lewis Carroll (1865), como Alice no país das maravilhas e, finalmente, Collodi, que em 1883, publica Pinóquio. Segundo Coelho (2003), os contos de fadas surgiram a milhões de anos, através da tradição oral, mais sua valorização se concretizou há alguns séculos atrás, quando os contos passaram a ser contados para as crianças de maneira lúdica, e nesse sentido, os contos de fadas, encantam e cativam as crianças e adultos até os dias de hoje. Oliveira (2010), afirma que os contos de fadas são narrativas muito antigas, no começo não se destinavam a crianças, eram mitos difundidos por hindus, persas, gregos e judeus. Essas primeiras histórias eram caracterizadas como mitos por transmitirem expressões narrativas de conflitos entre o homem e a natureza. Mesmo antes do advento da escrita, os povos já compartilhavam seu aprendizado através da fala, utilizando os contos de fadas para transmitir aos seres humanos uma superação dos mitos que enfrentavam. Segundo Santos (2011), a origem dos contos de fadas tem grande ligação com o Perrault e com os irmãos Grimm, na qual os contos de hoje são conhecidos como "Os Contos dos Irmãos Grimm". Nessa perspectiva, podemos dizer que a literatura para crianças e jovens teve início na cultura europeia e foi disseminada pelo francês Charles Perrault, que reuniu em um livro as histórias narradas pelas camadas populares francesas do Ancien Régime. Ao coletar histórias tradicionais, Perrault iniciou um trabalho de resgate de histórias contadas oralmente. Sendo assim, ele não criou novas narrativas, mas as adaptou para que se adequassem à corte francesa do rei Luís XIV. Ao documentar esses contos, Perrault, arquiteto da corte, poeta e admirador do gênero, realizou um trabalho de adaptação para introduzir essas narrativas à inteligência da corte. Ao fazer alguns retoques nos contos originais, Perrault suprimiu questões referentes à violência e à sexualidade, fazendo com que as histórias fossem aceitas pela população erudita. Um exemplo é o conto Chapeuzinho Vermelho, cuja versão recolhida por Perrault difere da versão conhecida por nós. Na versão original, a história termina sem caçador, sem resgate da vovó, que acaba ficando na barriga do lobo, sem final feliz. Desta maneira, algumas histórias foram reformuladas para seu público, os nobres, que não se interessavam pela violência e sexualidade. Perrault passou a ser considerado o primeiro autor a reformular contos para que fossem socialmente aceitáveis. Segundo Coelho (2000):

Vulgarmente, tais estórias circulam na França (e daí para os demais países) como "contos de fadas", rótulo que os franceses usam até hoje para indicar "contos maravilhosos" em geral. (Coelho 2000, p.90).

Nessa coletânea, a metade não apresenta fadas. São apenas "contos maravilhosos", por existirem em um espaço "maravilhoso", isto é, fora da realidade concreta. É o caso de "Chapeuzinho Vermelho", "O Barba Azul", "O Gato de Botas", e
"O Pequeno Polegar".
Perrault, em 1697, deu início a sua literatura infantil quando publicou Contes de maMèrel'oye (Contos da Mamãe Gansa), anda que, não houvesse a intenção de atingir o público infantil, mas sim de criar uma forma de entretenimento a corte francesa.

No Ocidente, a literatura infantil passou a ser dedicada às crianças com o surgimento da Modernidade, ligada à mudança na forma como a sociedade via as crianças. Embora algumas criações de literatura tenham surgido ao longo da história, os contos de fadas imprimem uma marca decisiva na literatura infantil. Dessa forma, tais histórias foram moldadas e remodeladas tanto para crianças quanto para adultos. Através da transmissão oral, surgiram novos elementos e adaptações, tornando-as histórias mais significativas. É interessante observar que, mesmo depois de um século, nos contos dos Irmãos Grimm e nas histórias de Perrault ainda encontramos inúmeras semelhanças, pois eles trazem narrativas que

revelam um fundo histórico, além de transmitirem clareza e a intenção de passar crenças a serem respeitadas e seguidas por toda a comunidade.
Desta maneira, surge Hans Christian Andersen, cujas obras foram escritas entre 1830 e 1872. Assim, acontece a redescoberta da literatura oral, aliada a uma nova perspectiva. Andersen insere elementos maravilhosos e o sentimento romântico do século XIX, fazendo um misto de pensamentos mágicos presentes na memória popular. Andersen difere de Perrault e dos Irmãos Grimm pelo fato de não se limitar a recolher e recontar histórias tradicionais. Além de coletar contos, ele criou diversas novas histórias, seguindo o modelo das histórias tradicionais e conservando sua principal característica: uma visão poética e melancólica. Assim, seu livro, além de compilar contos dos países nórdicos, também trazia histórias como "O Patinho Feio",
"A Roupa Nova do Imperador", "O Soldadinho de Chumbo", entre outras. No Brasil, os contos populares ocuparam um lugar na vida das crianças por meio da comunicação oral. Diferente do que ocorreu na Europa, onde os contos populares não serviram como fonte para os primeiros livros infantis, no Brasil esses contos foram publicados para o público infantil a partir da segunda metade do século XIX. Foram produzidas traduções e adaptações dos contos europeus escritos por Perrault e pelos Irmãos Grimm, em versões para o público brasileiro.
A construção dos contos de fadas ainda continua, embora tenha sofrido várias mudanças para atender às exigências da linguagem moderna. A maneira como os contos foram escritos nos permite observar como a realidade foi transmitida para os livros infantis, permitindo ao leitor atualizá-los constantemente e trazendo a obra para seu presente, sem, no entanto, perder de vista sua época de construção.

A UTILIZAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E AFETIVO DA CRIANÇA

De acordo com Corso (2006) as crianças adoram novidades. Vivemos em novo tempo, com brinquedos, filmes e games diferentes. Quando crescem em um ambiente estimulador, logo serão crianças curiosas, pois é importante apoiar a fantasia em suas brincadeiras e pensamentos. Por várias maneiras as crianças buscam a fantasia, em brinquedos, games, livros, teatro, brincadeiras com seus amigos, programa de televisão ou até mesmo em narrativas de histórias. Diante de tantas novidades, o professor que não esteja informado, quanto às ultimas personagens oferecidas pela mídia, certamente terá dificuldades para entender a respeito do que uma criança está falando e também quais ficções ele pode usar para criar sua subjetividade. Segundo Farias e Rubio (2012), a narrativa faz parte da vida das crianças desde quando muito pequenas, pois através de situações que elas se encontram como, quando ouvem canções de ninar e que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda ou também as narrativas curtas sobre animais e natureza. Assim as crianças desde a mais tenra idade demonstram seu interesse pelas histórias, batendo palmas, sorrindo ou até mesmo imitando algum personagem. Nesse sentido, podemos notar que narrativas são fundamentais para a formação e o desenvolvimento da criança.
Vale ressaltar que o primeiro contato da criança com um texto é realizado oralmente, quando o pai, a mãe ou outra pessoa lhe conta diversas histórias. À medida que cresce, a criança já é capaz de escolher a história que quer ouvir, tornando-se aos poucos mais detalhada. A criança começa a interagir com as histórias, acrescentando detalhes, personagens ou lembrando de fatos que passaram despercebidos pelo narrador. Essas histórias são fundamentais para que as crianças estabeleçam sua identidade, compreendam melhor as relações familiares e criem um vínculo afetivo com o narrador. Contar e ouvir uma história aconchegada a quem se ama é compartilhar experiências agradáveis e sentimentos prazerosos. Assim, as crianças podem se interessar por narrativas inventadas ou pelas narrativas de um livro, tendo maior possibilidade de envolver o real e o imaginário. É importante contar histórias tanto para as crianças maiores quanto para aquelas que já sabem ler, pois, ao ouvir uma história, elas aprimoram sua capacidade de imaginação, estimulando o pensamento, o desenho, a criação e a recriação. Alguns pais acreditam que a criança que não sabe ler não se interessa por livros, mas isso é exatamente o oposto do que observamos. Desde muito pequenas, as crian-

ças aprendem que os livros proporcionam prazer através de imagens, cores, formas e enredos, que lhes dão significados, permitindo identificar e nomear personagens. Quando a criança tem contato com o livro, ela pode criar seu próprio mundo de sonhos e fantasias, possibilitando o autoconhecimento e a compreensão do ambiente em que está inserida.
É importante destacar que, quando professores e pais leem histórias ou inventam narrativas colocando as crianças como personagens, despertam novas ideias e conhecimentos.
Por isso, é essencial que o livro seja manuseado pelas crianças, folheado, de forma que tenham um contato mais íntimo, favorecendo seu aprendizado e prazer pela leitura. A partir desse contato, elas começam a gostar dos livros, percebendo que eles fazem parte de sua fantasia, apresentada por meio de palavras e desenhos. Assim, fica evidente a importância de as crianças ouvirem e contarem histórias desde cedo, pois isso possibilita seu desenvolvimento cognitivo e aumenta seu potencial para a leitura e escrita.
As histórias devem ser contadas visando deleitar a criança, infundir o amor pela beleza, desenvolver sua imaginação e observação, ampliando suas experiências e estabelecendo uma ligação interna entre o mundo da fantasia e o da realidade. Através das histórias, as crianças enriquecem suas experiências, desenvolvem a capacidade de sequenciar logicamente os fatos, esclarecem seus pensamentos, desenvolvem o gosto pela literatura, ampliam seu vocabulário, estimulam o interesse pela leitura e também aprimoram a linguagem oral e escrita.
Corso e Corso (2006) afirmam, baseados na linha psicanalítica inaugurada por Bruno Bettelheim, que os contos de fadas possuem uma capacidade de sobrevivência que continua a encantar crianças, mesmo nas gerações de computadores, videogames e jogos. Isso se deve ao seu poder de simbolizar ou ajudar a resolver os conflitos psíquicos inconscientes que ainda estão presentes nas crianças de hoje.
O livro do casal Corso nos mostra que as imagens não diminuem a força e a importância das narrativas orais. Diana e Mário Corso (2006) não ingressaram no mundo das histórias infantis por interesse próprio, mas foram conduzidos pelas suas duas filhas. Por isso, sabem o quanto é ingênuo propor um único entendimento para as histórias, já que as crianças sabem usar sua imaginação e adaptar os contos conforme suas necessidades. Além disso, como psicanalistas, o casal leva a infância a sério, compartilhando a psicanálise através da fantasia, que resolve conflitos, constitui a identidade, cria realidades psíquicas e influencia a compreensão da dita realidade da vida.
Segundo os autores, para o ouvinte infantil, não faz muita diferença se a história é passada ou contemporânea, pois ambas permitem que a criança se identifique com personagens, despertando seu interesse por narrativas mais extravagantes, que não correspondem necessariamente às questões atuais do mundo.
Como a criança ainda não consegue diferenciar plenamente o real do imaginário, todas as linguagens a atraem para compor seu repertório imaginário, permitindo-lhe abordar suas necessidades em seu mundo de desejo.
De acordo com Corso e Corso (2006), as crianças continuam interessadas no mistério e fascinadas por tudo que desperte sentimentos de medo. O medo é caracterizado pela fantasia e invenção, originando-se de fontes misteriosas, sagradas e imaginativas. O medo pode ser provocado por vastas zonas sombrias, ou seja, pelo desconhecido. Dessa forma, também se desenvolve o sentimento de curiosidade e a disposição para a coragem, que supera a defesa pela sobrevivência. Nas histórias, sempre encontramos elementos assustadores que ensinam a criança a conhecer e enfrentar o medo.
Os pequenos buscam o medo, e, curiosos, exigem que o narrador repita várias vezes as passagens mais assustadoras dos contos de fadas. Por isso, o tema das madrastas invejosas e más – como em Branca de Neve e Cinderela – interessa muito às crianças, pois as ajuda a perceber a rivalidade das mães em relação às filhas e, indiretamente, a questionar o mito da perfeição do amor materno.
Em histórias como João e Maria e Pequeno Polegar, as crianças se interessam em entender os limites do amor materno. Assim, podemos afirmar que ouvir histórias é um recurso muito importante para as crianças desenharem seu mapa imaginário, que indica seu lugar na família e no mundo.
O mundo da fantasia não pode ser visto como

um desvio errado em relação às normas do mundo adulto, pois ele mostra que a criança precisa passar por ele e desejar crescer para que isso aconteça. O prazer de habitá-lo está ligado ao gosto que as crianças têm pelo perigo, pelo medo e pela aventura. Para elas, um paraíso sem conflitos não é interessante; elas desejam o medo, sentem prazer no mistério e no desafio, aos quais respondem com sua fantasia.

Diante de todos os perigos que assolam e fascinam o mundo infantil, é importante destacar o desamparo das crianças em relação às fantasias inconscientes dos pais, às quais estão expostas e que, para elas, são perigos irrepresentáveis. Essas questões não se limitam apenas às relações entre pais e filhos, mas também abrangem possíveis respostas às perguntas sobre sonhos ou desejos, que muitas vezes são difíceis para as crianças compreenderem.

Para encontrarmos um significado mais profundo, precisamos desenvolver nossos sentimentos íntimos, como emoções, imaginação e intelecto, permitindo que eles se enriqueçam mutuamente e acreditando que isso trará uma contribuição significativa para a vida. Bettelheim (2007), como educador e terapeuta infantil, afirma que sua principal tarefa foi restituir o significado na vida das crianças. Com esse trabalho, ficou claro para ele que, se as crianças fossem criadas de modo que suas vidas tivessem significado, não precisariam de ajuda específica. Para ele, nada é mais importante do que o impacto das experiências de vida com os pais, outras pessoas que cuidam das crianças e a herança cultural, quando transmitida de maneira adequada.

Bettelheim (2007) afirma que:

"É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, pois oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não conseguiria descobrir sozinha de maneira tão verdadeira". (Bettelheim 2007, p. 14).

A cultura predominante prefere fingir para as crianças que o lado sombrio do ser humano não existe. No entanto, a psicanálise foi criada para capacitar o homem a aceitar naturalmente os desafios da vida. As histórias modernas escritas para os pequenos evitam esses problemas existenciais. Mas, na verdade, a criança precisa receber sugestões simbólicas sobre como lidar com essas questões, permitindo-lhe amadurecer e se desenvolver. É característico dos contos de fadas apresentar um dilema existencial, o que permite à criança entender o problema de forma mais essencial, enquanto uma trama mais complexa poderia confundi-la. Diferente do que ocorre em muitas histórias infantis modernas, praticamente todos os contos de fadas representam o bem e o mal através de alguns personagens e suas ações. É nessa dualidade que se coloca o problema moral e a busca por resolvê-lo.

Bettelheim (2007) nos diz que o mal não é desprovido de atrações. Em muitos contos de fadas, o personagem de mau caráter consegue temporariamente tomar o lugar do herói – como as irmãs malvadas fazem em "Cinderela". Não é o fato de o vilão ser punido no final da história que torna a experiência uma lição moral, embora isso faça parte dela. Nos contos de fadas, a punição é apenas um fator limitado de inibição do crime. O crime que não compensa é um meio de inibição muito mais eficaz, e é por essa razão que, nas histórias de fadas, a pessoa má sempre perde. O objetivo não é promover um final feliz moralizante, mas sim o fato de que as crianças se atraem pelo herói, identificando-se com suas lutas constantes. Devido a essa identificação, as crianças assimilam a moralidade por conta própria. Todos os profundos conflitos internos mencionados são ignorados na maior parte da literatura infantil moderna. Ao contrário dos contos de fadas, que abordam seriamente essas angústias e dilemas existenciais, como a necessidade de ser amado e o medo de ser visto como sem valor; o amor pela vida e o medo da morte. Os contos oferecem soluções para a compreensão desses conflitos. Por exemplo, os contos de fadas colocam em seu dilema a questão da vida eterna, não iludindo as crianças nem por um momento sobre a possibilidade de vida eterna, mas indicando que é possível tornar menos dolorosos os limites de nosso tempo na Terra. É por isso que muitas vezes as narrativas terminam com "E viveram felizes para sempre".

O conto de fadas é orientado para o futuro e guia a criança. Dessa forma, ela pode entender que, tanto em sua mente consciente quanto no inconsciente, deve abandonar seus desejos de dependência infantil para alcan-

çar uma existência satisfatória. Hoje em dia, as crianças não crescem mais cercadas pela segurança de sua família ou comunidade; é importante proporcionar à criança moderna imagens de heróis que têm de trilhar seus caminhos sozinhos. Apesar de inicialmente ignorarem o que o futuro lhes reserva, encontram segurança ao seguir seus próprios caminhos com uma profunda confiança interior. Além dos temas de sofrimento e solidão, existe outra questão complexa da alma humana. A psicanálise foi a primeira disciplina a reconhecer as complicações decorrentes da divisão do sujeito entre consciente e inconsciente. Para a literatura, é um fato que somos seres divididos, pois ela cria personagens contraditórias, que nem sempre produzem uma síntese. Talvez seja por isso que as crianças busquem as narrativas modernas, pois vivemos com a divisão psíquica.

Os contos de fadas trazem personagens que envolvem uma única dimensão, onde as complicações surgem da trama, utilizando personagens simples em histórias ricas. Para atender a essa nova ficção necessária, surgiram personagens e histórias mais complexas, que mostram que é possível ser corajoso e ao mesmo tempo ter medos, ser de bom caráter, mas sentir inveja. Após todas essas reflexões, é importante questionar as questões trazidas pelas narrativas modernas, que conseguem trazer conforto psíquico, num sentido mais amplo do que o utilizado em A Psicanálise dos Contos de Fadas.

Para Bettelheim (2007), poderão ser consideradas verdadeiros contos de fadas, histórias que não se enquadram nem mesmo em alguns contos folclóricos tradicionais ou clássicos literários, como os de Andersen. Assim, com esse critério, serão considerados contos de fadas aqueles que tiverem finais felizes, que projetem diferentes aspectos da personalidade da criança e que possam organizar o bem e o mal como opostos. Ainda, segundo o autor, algumas narrativas modernas, escritas para crianças, evitam temas essenciais, desmerecendo a riqueza psicológica do público. Dentro dessa perspectiva, Bettelheim elogia nos contos de fadas folclóricos a sua habilidade de apresentar dilemas existenciais, sem menosprezar sua complexidade psíquica. Assim, os personagens dos contos devem ser mais simples, funcionando como divisores capazes de proporcionar uma estruturação para que a subjetividade infantil possa se apoiar e crescer com confiança. A questão é que não depende apenas de o enredo terminar com finais felizes para que uma história transmita uma mensagem de segurança. Quando a criança compartilha suas próprias limitações com os personagens, isso também lhe traz segurança, além de tornar o mundo menos exigente.

Os contos de fadas atuam no sentido de organizar melhor o interior da criança, enquanto as narrativas modernas a preparam mais para os desafios da vida. Não necessariamente para a vida adulta, mas fornecem instrumentos para lidar com frustrações decorrentes das relações humanas. Não podemos esquecer que as crianças possuem seu próprio sistema classificatório, pois novas experiências e conhecimentos desestabilizam seu sistema de pensamento, revolucionam sua lógica e uma nova organização emerge. Portanto, antes de serem simples ou complexas, as histórias devem ser oportunas. As histórias de ficção nos oferecem estruturas com as quais podemos dialogar. As vidas dos personagens podem nos servir para refletir sobre como administramos nossas próprias vidas e também para questionar o sistema que inventamos. Certamente, é necessário que se proponham tramas que sejam viáveis, em termos de dificuldades, para o momento cognitivo da criança, e isso está ligado ao processo de desenvolvimento de sua inteligência.

Bettelheim (2007) nos ensina sobre o potencial dos contos de fadas para traduzirem o que sentimos, mas que ainda não encontrou uma expressão adequada. Por isso, convém usá-los para apoiar nossas fantasias. Contudo, acreditamos que isso não ocorre de forma tão simples; as soluções de problemas, antes de tudo, nos ajudam a delinear o esboço do problema. Nesse contexto, os contos de fadas não servem apenas como meio para o desenvolvimento; eles são uma ferramenta que, dependendo de como forem aplicados, também podem promover a regressão.

Conforme Farias e Rubio (2012), quando a criança adentra o mundo da fantasia e da imaginação de um conto de fadas, ela formula hipóteses para a solução de seus problemas. Além de sua vivência cotidiana, ela começa a procurar alternativas para modificar a realida-

de. No faz de conta, seus desejos podem ser facilmente realizados, pois ao recriar determinadas situações, ela atende a alguma necessidade presente em seu íntimo. Dessa forma, os contos de fadas influenciam o emocional e o imaginário da criança, ajudando na tomada de decisões para sua independência e no ajuste de seus sentimentos.

CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias, sejam elas narrativas maravilhosas, contos fantásticos ou contos de fadas, devem estimular a inteligência, a afetividade, a emoção, o pensamento, o sentimento e a vontade. Através dos dois mundos, Realidade e Fantasia, Razão e Imaginação, auxilia-se as crianças em seu crescimento integral, proporcionando um conhecimento de si mesmas e do mundo. Por isso, esses dois mundos precisam se complementar para contribuir para o desenvolvimento da criança. A imaginação desempenha um papel crucial em todos os aspectos do desenvolvimento infantil, pois, através dela, a criança pode experimentar, explorar e manipular ideias, permitindo-lhe lidar com sua liberdade, desejos, medos, esperanças e impulsos agressivos. A imaginação é frequentemente empregada no desenvolvimento social, já que muitas brincadeiras com outras crianças ocorrem em cenários imaginários, onde podem enfrentar problemas pessoais que, na vida real, seriam muito difíceis de resolver. Por estimular a imaginação, os contos fantásticos sempre foram e continuam sendo um dos elementos mais importantes na literatura infantil, porque os significados simbólicos desses contos estão ligados aos eternos dilemas que o ser humano enfrenta durante seu amadurecimento emocional.

Segundo Farias e Rubio (2012), aprendizagem da criança está sempre em construção, desde quando ela nasce e segue por toda sua vida, mas são nos primeiros anos que sua personalidade e seu caráter começar a serem moldados, é a partir dos quatro anos que elas começam a procurar entender o que está acontecendo com o mundo a sua volta. Por causa disso, os contos ajudam na formação da personalidade, no equilíbrio emocional e afetivo das crianças, pois, através de suas personagens boas e más, dos desafios que elas enfrentam e dos finais que nem sempre são felizes, as crianças começam a entender o mundo em que estão inseridas e todas as dores e prazeres que ele contém. Além disso, os contos são usados com um objetivo pedagógico, buscando trazer a criança para a realidade concreta e racional. Os contos de fadas estimulam a capacidade de fantasia e imaginação infantil, proporcionando situações reais e contribuindo para o desenvolvimento cognitivo da criança. Dessa forma, os contos devem fazer parte da vida da criança desde cedo, ajudando-a na resolução de seus conflitos emocionais.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, P. B. Contos de fadas tradicionais e renovados: uma perspectiva analítica. 130 p. 2006.

BETTELHEIM, B. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

CASTRO, A. S. V. P. de. Diálogos entre literatura clássica infantil e psicanálise. CES Revista, Juiz de Fora, v. 22, p. 267-281, 2008.

COELHO, N. N. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.
_____ . O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.

CORSO, D. L. e CORSO, M. Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FARIAS, F. R. A. de; RUBIO, J. de A.S. Literatura Infantil: A Contribuição dos Contos de Fadas para a Construção do Imaginário Infantil. Revista Eletrônica Saberes da Educação,v. 3, n.1, 2012.

OLIVEIRA, P. S. T. de. A construção dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças. 62 p. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso – UNEB, Salvador, 2010.

RODRIGUES, A. F. Os contos de fadas no desenvolvimento infantil. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2010.

SANTOS, S. M. O. dos. Os contos de fadas e o

processo de individuação das crianças. 121 p. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Arteterapia) – ISEPE, Rio de Janeiro, 2011.

ZILBERMAN, R. A literatura infantil na escola. São Paulo: Globo, 2003.